

al-Qsar

ARQUEOLOGIA | PATRIMÓNIO | HISTÓRIA LOCAL

ISSN 2182-7265

online

IIª série #18 (tomo 1) Jul. 2013

SADO

a etimologia do topónimo
do rio que passa em al-Qsar

Alcácer [do Sal]

ARRÁBIDA

recursos, vias e trânsito
no Bronze Final

O Conjunto Sepulcral Romano
do Monte da Loja (Serpa, Beja)

Dois Likes 👍 de Darwin
para o trabalho de Carlos Ribeiro



CAA

Centro de Arqueologia de Almada

há mais na internet

al.amadã

[<http://www.almadan.publ.pt>]

**toda a informação
sobre as edições em papel
à distância de alguns toques**



**Iª Série
(1982-1986)**

**índices completos
resumos dos artigos
onde comprar
como encomendar
como assinar
como colaborar**

...



**IIª Série
(1992-...)**

uma edição



CAA

Centro de Arqueologia de Almada



Capa | Jorge Raposo e Carlos Marques da Silva

Zona costeira da serra da Arrábida, vendo-se em fundo a península de Tróia e o estuário do rio Sado. Fotografia © Carlos Marques da Silva, com tratamento digital.



II Série, n.º 18, tomo 1, Julho 2013

Propriedade e Edição |
Centro de Arqueologia de Almada,
Apartado 603 EC Pragal,
2801-601 Almada Portugal
Tel. / Fax | 212 766 975
E-mail | secretariado@caa.org.pt
Internet | www.almadan.publ.pt

Registo de imprensa | 108998
ISSN | 0871-066X (edição impressa)
ISSN | 2182-7265 (edição digital)
Publicidade | Elisabete Gonçalves
Periodicidade | Semestral
Distribuição |
<http://issuu.com/almadan>

Director | Jorge Raposo
(director.almadan@gmail.com)

Conselho Científico |
Amílcar Guerra, António Nabais,
Luís Raposo, Carlos Marques da Silva
e Carlos Tavares da Silva

Redacção | Ana Luísa Duarte,
Elisabete Gonçalves e Francisco Silva

Resumos | Jorge Raposo (português),
Luisa Pinho (inglês) e Maria Isabel
dos Santos (francês)

Aproximadamente no primeiro semestre de 2013 (14 de Janeiro a 13 de Julho, data em que são escritas estas linhas), o conjunto das seis edições da *Al-Madan Online* regista dados estatísticos impressionantes para uma publicação desta natureza e temática: 15 587 visualizações na plataforma ISSUU, das quais 1626 correspondem a leitores *online* em consultas de duração média superior a duas horas, enquanto 404 preferiram fazer *download* para utilização fora da Internet. No mesmo período, destacando desse conjunto os valores da última edição – o Tomo 2 da *Al-Madan Online* 17, colocado em linha no passado dia 25 de Janeiro –, é ainda mais eloquente o registo: 3666 visualizações, 692 leitores *online* (acessos com 3.35 h de duração média) e 199 *downloads*.

Esta imagem quantitativa traduz o interesse crescente e sustentado pelos conteúdos que o Centro de Arqueologia de Almada disponibiliza gratuitamente na Internet, através da *Al-Madan Online*. E, ainda que a afirmação não decorra da aplicação de algum tipo de ferramenta analítica para o efeito, corresponderá certamente a uma avaliação qualitativa positiva por parte dos leitores e dos colaboradores.

Ecos dessa avaliação positiva chegam-nos frequentemente, por várias formas, e constituem estímulo importante para manter e aperfeiçoar um projecto editorial que entendemos como serviço público prestado aos investigadores portugueses e, em geral, um dos contributos ao nosso alcance para promover a Cultura científica e a Educação patrimonial no país.

Um dos indicadores mais evidentes do que acima se escreveu é o aumento do número e da diversidade de originais recebidos para publicação, dando sentido ao recente reforço da periodicidade da *Al-Madan Online*, semestral desde o n.º 17. Prova-se assim a vitalidade e a dinâmica da comunidade científica, nomeadamente a que se dedica às áreas da Arqueologia, do Património, da Museologia e de outras ciências relacionadas. E prova-se também a confiança que esta tem na *Al-Madan* enquanto veículo privilegiado para a divulgação do seu trabalho.

Apresentamos assim mais um número equilibrado e variado, que reúne artigos de opinião sobre diferentes problemáticas e publicita os resultados de trabalhos arqueológicos e antropológicos recentes, com múltiplos enquadramentos cronológicos e geográficos. Insere ainda alguns estudos de materiais e um apontamento interessante para a historiografia arqueológica portuguesa.

E não podemos esquecer a complementaridade com a tradicional *Al-Madan* impressa e as suas 176 páginas de outros conteúdos originais. Infelizmente, o volume preparado em paralelo com este tomo da *Al-Madan Online* sofreu um adiamento que esperamos curto, face ao atraso na entrada das receitas que garantiriam ao CAA as condições para a impressão tipográfica da maquete entretanto paginada. Apela-se, por isso, à compreensão dos leitores e, em particular, dos colaboradores afectados.

Jorge Raposo

Modelo gráfico | Jorge Raposo

Tratamento de imagem, ilustração e
paginação electrónica | Jorge Raposo

Revisão | Vanessa Dias, Graziela Duarte,
Elisabete Gonçalves, José Carlos
Henrique e Fernanda Lourenço

Colaboram neste número |

Carlos Boavida, José M. Brandão,
António Rafael Carvalho,
Tânia Manuel Casimiro, Sónia Cravo,
Victor Filipe, Joana Alves-Ferreira,
José Paulo Francisco, Ana Sofia
Gervásio, André Gregório,
Javier Larrazabal Galarza,

Marina Lourenço, César Augusto
Neves, Carmen Pereira, Mafalda
Teixeira de Sampayo, Miguel Serra,
Pedro da Silva, Telmo Silva,
Vera Santos e Ricardo Soares

EDITORIAL ...3 ▶

OPINIÃO

Plano de Gestão do Parque do Côa: instrumento para uma gestão integral e integrada do Património, ou seja, capaz de unir entre si | José Paulo Francisco ...6 ▶



Instantes da *Espera*: a Polaroid enquanto experiência da *expectativa* | Joana Alves-Ferreira ...11 ▶

A Escolha do Sítio nas Cidades Islâmicas Portuguesas | Mafalda Gambutas Teixeira de Sampayo ...40 ▶

ARQUEOLOGIA

Recursos, Vias e Trânsito na Arrábida do Bronze Final: a “rota do sal” e a “síndrome do marinheiro” | Ricardo Soares ...45 ▶



Paradigmas e Abordagens Científicas da Arqueologia em Contexto Museológico: exemplo da “pedra partida” de Ardegães e proposta de nova exposição | Pedro da Silva ...18 ▶



O Conjunto Sepulcral Romano do Monte da Loja (Serpa, Beja) | Marina Lourenço e Sónia Cravo ...51 ▶



Uma Reflexão Sobre a Etimologia do Topónimo do Rio que Passa em *al-Qaṣr* / Alcácer [do Sal]: de rio *Ṣaadam* / Sadão a rio Sado | António Rafael Carvalho ...23 ▶



Intervenção Arqueológica no Alto do Calvário: o castelo de Miranda do Corvo | Vera Santos ...66 ▶



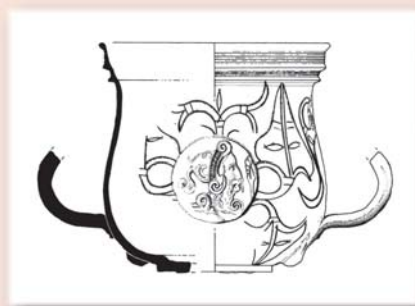
Trabalhos Arqueológicos no Terreiro da Erva (Coimbra) | Ana Sofia Gervásio e Carmen Pereira ...75 ▶



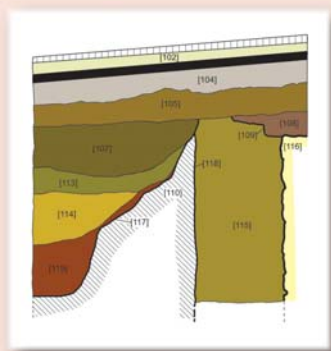
O Æ Follis do Imperador Bizantino Rômanos I Lekapēnos Encontrado em *al-Qaṣr* / Alcácer [do Sal]: um contributo para o seu estudo | António Rafael Carvalho ...110 ▶



Intervenção Arqueológica na Capela do Rosário (Beja) | Miguel Serra e André Gregório ...82 ▶



Uma Taça de Cerâmica Fina Procedente do Convento Franciscano de Santo António de Ferreirim (Lamego) | Javier Larrazabal Galarza ...118 ▶



Sondagens Arqueológicas de Diagnóstico e Avaliação no Largo Rafael Bordalo Pinheiro, Lisboa | Victor Filipe ...90 ▶

HISTÓRIA DA ARQUEOLOGIA PORTUGUESA



Dois *Likes* (👍) de Darwin aos Trabalhos de Carlos Ribeiro: ainda a questão do Homem do Terciário | José M. Brandão ...125 ▶



Novos Dados Acerca do Dique da Ribeira das Naus (Lisboa): vestígios identificados em acompanhamento arqueológico | César Augusto Neves ...99 ▶

NOTICIÁRIO ARQUEOLÓGICO

Travessa das Capuchas (Santarém): silos e espólios trecentistas numa necrópole islâmica - primeira notícia | Carlos Boavida, Tânia Manuel Casimiro e Telmo Silva ...132 ▶

RESUMO

Apresentação de estudo sobre moeda cunhada em Constantinopla no reinado do imperador bizantino Rômanos I Lekapēnos (920-944), encontrada no interior do castelo de Alcácer do Sal (Setúbal). Trata-se de achado único nesta região do antigo mundo ocidental islâmico, permitindo ao autor contextualizar a sua presença no âmbito das transformações políticas e administrativas da época.

PALAVRAS CHAVE: Idade Média (islâmico); Numismática; Constantinopla.

ABSTRACT

Presentation of a study about a coin produced in Constantinople during the reign of the Byzantine emperor Rômanos I Lekapēnos (920-944) and now found inside the castle of Alcácer do Sal (Setúbal). The author takes advantage of this unique finding in that area of the old western Islamic world to contextualize it within the political and administrative transformations at the time.

KEY WORDS: Middle ages (Islamic); Numismatics; Constantinople.

RÉSUMÉ

Présentation d'une étude sur la monnaie frappée à Constantinople sous le règne de l'empereur byzantin Rômanos I Lekapēnos (920-944), trouvée à l'intérieur du Château d'Alcacer do Sal (Setúbal). Il s'agit d'une trouvaille unique dans cette région de l'ancien monde occidental islamique permettant à l'auteur de contextualiser sa présence dans le cadre des transformations politiques et administratives de l'époque.

MOTS CLÉS: Moyen Âge (islamique); Numismatique; Constantinople.

O *Æ Follis* do Imperador Bizantino Rômanos I Lekapēnos Encontrado em *al-Qaṣr* / Alcácer [do Sal] um contributo para o seu estudo

António Rafael Carvalho ¹

1. INTRODUÇÃO

O numisma objeto deste estudo faz parte das coleções do Museu Municipal de Alcácer do Sal, tendo sido encontrado no interior do castelo. A sua identificação como moeda Bizantina, atribuída ao Imperador Rômanos I Lekapēnos (307-332H / 920-944) ¹ só aconteceu em 2007, após um trabalho de rotina que efetuei na coleção de numismática existente nas reservas museológicas ². Ciente da importância desta identificação, achei oportuno, com recurso à produção académica existente, verificar se estávamos perante um achado comum ou raro no *al-Andalus*. A demorada pesquisa bibliográfica efetuada até ao presente momento ³, permite sugerir que estamos perante um achado único no *al-Andalus*.

O que está em causa nesta moeda, não é o fato de ela ter sido cunhada em Constantinopla, já em contexto Bizantino, após o desaparecimento do Império Romano do Ocidente.

¹ Para o nome deste imperador Bizantino seguimos a proposta de PRYOR e JEFFERYS, 2006: 67.

² A totalidade das moedas existentes nas reservas do Museu, sejam elas de cronologia romana ou posteriores, oriundas de recolhas de superfície ao longo dos anos no interior do castelo de Alcácer, provém sempre da área exterior da atual alcáçova, neste momento transformada em pousada D. Afonso II. O numisma Bizantino recolhido em Alcácer também é proveniente do espaço exterior à alcáçova, que em contexto Islâmico correspondia à *madina*.

³ Temos consciência de que é impossível aceder a todos os estudos efetuados até este momento sobre numismas Bizantinos coevos da presença Islâmica no *al-Andalus*. O achado peculiar de Alcácer do Sal, aparentemente único, deve ser entendido como tal em termos de publicação. Por certo terão chegado mais numismas Bizantinos ao *al-Andalus* mas, até este momento, ou não foram identificados, ou simplesmente ainda não foram estudados.

¹ Gabinete de Arqueologia, Património e Museus do Município de Alcácer do Sal (antonio.carvalho@m-alcacerdosal.pt).

FIG. 1 – *Æ Follis* da oficina de Constantinopla encontrado no castelo de Alcácer do Sal, Portugal (reservas do Museu Municipal Pedro Nunes, Alcácer do Sal).

Anverso: busto do imperador Bizantino Rômanos I Lekapênos (307-332H / 920-944).
Reverso: bastante ilegível.



O que torna este achado peculiar é a sua cronologia – o século IV^H / X. Essa datação remete este numisma para o período em que reinou o califa Abd al-Rahmân III. Outro elemento que permite defender a chegada a Alcácer ainda em contexto Islâmico, prende-se com a sua reutilização nesse Período, que é demonstrada pela existência de dois orifícios na moeda ⁴, os quais, ao serem executados, terão procurado não danificar o rosto do imperador Bizantino, mas destruíram a parte superior da cruz (símbolo máximo do Cristianismo) que coroa o globo suportado pela sua mão esquerda. Perante este último conjunto de indícios, que só têm sentido no seio de uma sociedade islamizada, parece-nos claro que o numisma chegou a esta *madîna* em contexto Califal, pelo que terminamos este estudo por refletir como seria *al-Qasr* nessa fase.

⁴ Esta prática de perfurar moedas é patente noutros exemplares de moedas romanas encontradas dentro do castelo, mas ausente nos numismas portugueses medievais ou posteriores. Pelo exposto, parece-nos claro que a perfuração das moedas terá sido efetuada no decurso do Período Islâmico de Alcácer do Sal. Sobre esta prática, ver TAWFIQ, 1988.

2. O NUMISMA

2.1. CARATERIZAÇÃO E DATAÇÃO

Estamos perante um *Æ Follis* do Imperador Bizantino Rômanos I Lekapênos, cunhado na oficina de Constantinopla, pertencente às séries em cobre datadas da fase compreendida entre 319^H / 931 e 332^H / 944 ⁵. No anverso existe o vestígio da legenda em grego que, infelizmente, se apresenta bastante danificada, tornando-se ilegível. Por baixo e ocupando o espaço central da moeda, encontra-se representado o busto do imperador coroadado, vestido no seu traje oficial e a face barbada ⁶.

⁵ Para uma análise mais pormenorizada das séries monetárias cunhadas por este soberano Bizantino, que permitem suportar a datação proposta para o presente numisma, ver GRIERSON, 1993: 526-573.

⁶ Este pormenor da barba é bastante importante, porque nos indica a fase etária em que se movia o soberano aquando da produção desta série. Não estamos perante uma produção do início do seu reinado, mas sim uma década depois.

Na mão direita segura um lábaro (em Latim - *labarum* ⁷), que descansa sobre o seu corpo. Na mão esquerda segura um globo coroadado por uma cruz. No reverso apresenta uma inscrição em grego bastante ilegível, distribuída em quatro linhas. Os exemplares desta tipologia melhor conservados apresentam a seguinte legenda ⁸:

– No anverso: - +Rôm(AηbA)SIL EVSRôm;

– No reverso: - +RWm'A / n'EnΘE WbA / SILEVSRW / mAIWn' ⁹.

GRIERSON (1993: 526-573) insere os numismas mandados cunhar por Rômanos I ¹⁰ no grupo criado debaixo da vigência do imperador Constantino VII, Porphyrogenitus (6 de Junho de 913 a 9 Novembro de 959 ¹¹). Este panorama algo complexo surgiu das complicações dinásticas que emergiram após a subida ao poder de Rômanos I, pelo que o investigador que temos vindo a seguir apresenta o seguinte quadro (GRIERSON, 1993: 526): *Constantino VII que se tornou Augustus em 15 de maio de 908.*

Colegas: Zoe, a sua mulher (Regente entre Fevereiro de 914 a Março de 919.

Rômanos I Lekapênos (17 de Dezembro de 920 a 16 de Dezembro de 944). Christopher (20 de maio de 921 a Agosto de 931)

Stephen e Constatine (25 de Dezembro de 924 a 27 de Janeiro de 945) Rômanos II (após 6 de Abril de 945 - [terminou o seu reinado em 963]).

⁷ O *labarum* (em Português, “lábaro”) tem um significado etimológico que ainda não foi clarificado. Trata-se de uma criação de Constantino, para representar um cristograma de Jesus Cristo. Depois dele foram emergindo várias tipologias, dada a sua utilização pelo poder político imperial (Romano Tardio e depois Bizantino), tanto em iconografia de âmbito institucional ou religiosa, como nas moedas, optando-se nestas últimas por uma simplificação. O *labarum* é formado a partir das letras gregas Chi (χ) e Ró (ρ), que representam as iniciais de Χριστός (“Cristo” em Grego).

⁸ Ver a Fig. 2, onde colocamos uma reprodução da moeda 25a.10, retirada da obra de Grierson já referida – GRIERSON, 1993: Plate XXXVIII (3).

⁹ Em Português, *Romanos, em Cristo ou Deus, o Rei dos Romanos.*

¹⁰ Sobre a atuação política de Rômanos I no Império Bizantino, ver, entre outras, as sínteses de Jonathan SHEPARD (2006; 2008).

¹¹ No Calendário Islâmico, o seu reinado teve início em 27 de *Šawwâl* do ano de 300H e terminou em 5 de *Ramaçân* do ano de 348H.



FIG. 2 – Conjunto de moedas da oficina de Constantinopla, segundo GRIERSON, 1993: plate XXXVIII. Destaca-se a vermelho um exemplar idêntico ao encontrado em Alcácer do Sal.

Por fim um breve comentário sobre o valor que estes numismas teriam no seio Imperial Bizantino.

Num trabalho monográfico recente sobre moedas Bizantinas encontradas no território da atual Roménia (MĂNUCU-ADAMEȘTEANU, 2010: 192), é dito que: “Este suficient să amintim că la jumătatea secolului al IX-lea, moment apropiat de începerea teaurizării, plata anuală a unui soldat era de 12 nomismata, aceeași sumă fiind primită la începutul secolului al X-lea de un mardait, marinar aflat pe ultimul loc în ierarhia persoanelor care serveau în flota unei theme”.

Numa tradução livre do Romeno para o Português, o referido autor lembra que a maioria dos tesouros monetários encontrados no território hoje romeno resulta do pagamento a soldados da fronteira Bizantina. Por ano, cada um desses soldados ganhava 12 numismas ¹².

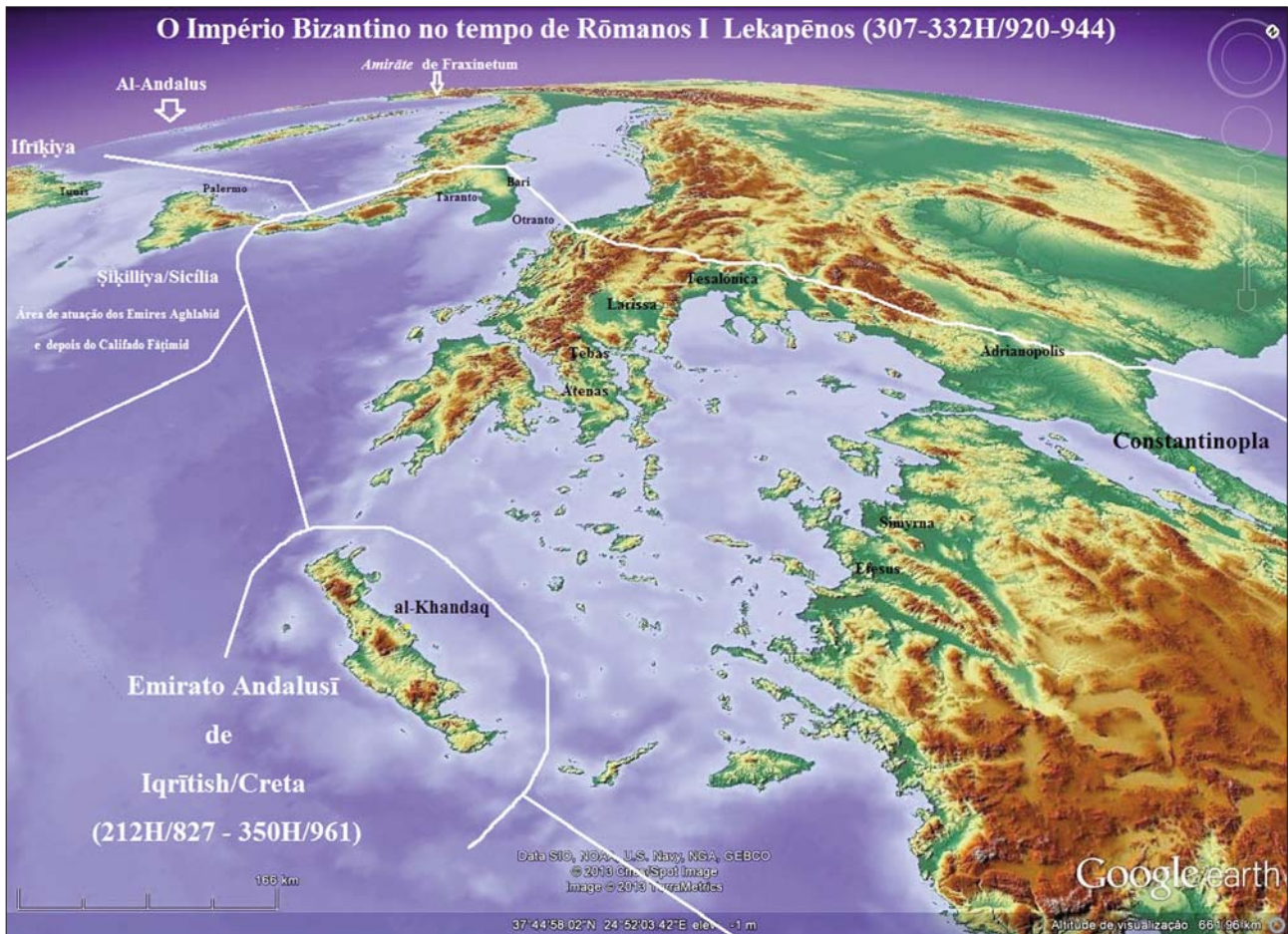
Contudo, com o desenrolar da crise monetária do Império Bizantino, ao longo do século X essa quantia diminui, atingindo particularmente os marinheiros que defendiam a fronteira marítima (*Thema* ¹³), situados nas posições hierárquicas inferiores e, por isso, com soldos mais baixos.

Esta informação poderá não ser relevante para o achado alcacerense, mas permite equacionar o valor do numerário em cobre que circulava no Mediterrâneo Ocidental, especialmente na Península Itálica, no seio das tropas imperiais Bizantinas aí instaladas ¹⁴.

¹² O texto em Romeno não é claro em discriminar o tipo de numisma usado nos pagamentos às tropas. Mas, pela tipologia dos tesouros encontrados na Roménia, supomos que o autor se refere aos *Æ Follis* em cobre, semelhantes ao encontrado em Alcácer.

¹³ Região administrativa de fronteira. Em Árabe, tanto na Anatólia como no *al-Andalus*, denominava-se *Tagr*.

¹⁴ Em estudo sobre a circulação monetária normanda, entre o Império Bizantino e o mundo islâmico, TRAVAINI (2001: 182) alerta-nos para a continuação da circulação de *Æ Follis* de Romanos I Lekapenos na área da Campania / Itália até meados do século XI, altura em que foram substituídos por numismas alusivos a Gisulf II.



Quanto às tropas que serviam nas armadas Bizantinas, estando ausente uma intenção bélica contra o *al-Andalus*¹⁵, existiram contudo confrontos contra emiratos autónomos onde predominavam muçulmanos de origem Andalusī, caso do Emirato Andalusī¹⁶ de *Iqrīsh* / Creta e do *Amirāte*¹⁷ de *Fraxinetum*.

Quanto a este último (SHEPARD, 1999: 609 e BALLAN, 2010: 28), podemos mencionar um episódio que aconteceu na costa da Provença no tempo de Rōmanos I. Segundo as fontes, a armada deste imperador atuou a pedido de Hugo de Arles nessa região francesa, contra o que os documentos medievais denominam de base de piratas Andalusī de *Fraxinetum*¹⁸. Os eventos que ocorreram entre 332H / 944 e 333H / 945 procuravam, acima de tudo, debilitar os contingentes muçulmanos aí existentes, os quais se dedicavam à *Ġihād* na região Alpina e na Riviera Francesa.

¹⁵ Dado que prevaleciam as relações de âmbito diplomático e cultural, sendo de aceitar eventuais contactos comerciais que, a existirem, parecem ausentes do registo arqueológico.

¹⁶ A denominação de Emirato Andalusī para a ilha de Creta segue a proposta de BALLAN, 2010).

¹⁷ A escolha do termo *Amirāte* para descrever a situação de política autónoma vigente em *Fraxinetum* baseia-se no estudo de BALLAN (2010) que temos vindo a seguir. Mantivemos a denominação de Emirato para o caso Cretense, porque aí, apesar de estarmos perante um autonomia política que reconhecia o Califado Abássida e que, por vezes, aparece nas fontes como estando associado à região administrativa do Egipto, os Emires Cretenses cunharam moeda, fato que não conhecemos para *Fraxinetum*.

¹⁸ BALLAN (2010) apresenta um importante estudo sobre esta base naval Andalusī instalada na Provença, avançando a hipótese de estarmos perante o que denomina de "*Frontier Islamic State*", que fomentava a prática da *Ġihād*, tanto nos Alpes como no Mediterrâneo ocidental, especialmente direcionada para as costas italianas próximas.

FIG. 3 – São raras as representações cartográficas do Império Bizantino no tempo de Rōmanos I Lekapēnos (307-332H / 920-944).

A presente figura resulta de uma adaptação dos elementos contidos no mapa do Império Bizantino, entre 287H / 900 e 416H / 1025, inserido no *New Cambridge Medieval History*, Vol. III (SHEPARD, 1999: 589). Foram selecionados os elementos cronologicamente enquadrados entre 287H / 900 e 332H / 944.

2.2. EM REDOR DO *Æ FOLLIS*: ATRIBUIÇÃO FUNCIONAL DO NUMISMA E ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE [EVENTUAIS CONTACTOS ENTRE] *QAŞR ABİ DĀNIS* E O MEDITERRÂNEO ORIENTAL / *BAĦR AL-RUM*

O aparecimento de um numisma Bizantino em Alcácer do Sal, cunhado após 319H / 931, em tempo de Abd al-Rahmān III, coincide com uma etapa importante na transformação política alcacerense. Apesar de esta *madīna* ainda se manter debaixo do domínio dos Banū Adānis

b.'Awsa'ya, estes já não se comportam como emires autónomos da Fase Emiral ulterior¹⁹, mas sim como governantes da *madīna*, ao ser-

¹⁹ Sobre esta questão, temos em preparação um estudo sobre a problemática política e administrativa do *Amirāte* Adānis de *al-Qaşr*, que será disponibilizado em breve.

viço e autorizados pelo poder Califado Umayyad Andalusi. Não sendo de admitir contactos comerciais diretos entre Alcácer e o Império Bizantino, a explicação da sua presença em Alcácer terá que obedecer a outros fatores, que neste momento figuram no âmbito das hipóteses. Antes de abordarmos essas ligações, vamos refletir sobre o possível significado cultural, mágico e simbólico que eventualmente este numisma terá tido em Alcácer.

O fato de ser, até ao momento, um achado único a nível do *al-Andalus* e, por isso, raro, associado a uma reutilização em contexto Islâmico, permite supor que estamos perante um objeto que, destituído do seu valor monetário, teria na sociedade Islâmica alcacerense uma outra função. Poderemos aceitar a sua transformação num talismã²⁰ ou em objeto de ostentação e prestígio. Contudo, no estado atual dos nossos conhecimentos é difícil determinar o seu enquadramento funcional.

TAWFIQ IBRAHIM (1988) reconhece, no caso dos numismas islâmicos encontrados no *al-Andalus* que possuem a particularidade dos dois orifícios, que estamos perante uma tipologia de objetos de complexa atribuição funcional, tema que foi abordado por outros investigadores, casos de F. Codera (1892), G. Miles (1950) e A. Canto (1986), segundo TAWFIQ IBRAHIM (1988: 138-139). O mesmo autor defende que estas moedas a dado momento terão funcionado como amuletos, suportando a sua interpretação na preservação do texto corânico existente nos referidos numismas. Passamos a citar: “Para este fin [como amuleto] el contenido epigráfico de las monedas sirve admirablemente, ya que casi siempre en el área central de su anverso se encuentra la primera parte de la profesión de fe y la basmala en su segmento de su orla, mientras que en la orla del reverso normalmente se lee la misión profética (Corán 61.9). [...] Es evidente que, en caso de urgente necesidad, este tipo de amuleto tendría la ventaja de mantener su valor crematístico lo que explicaría su aparición en tesorillos”. Concluindo: “Finalmente, se advierte la desaparición de este costumbre en época almohade” (TAWFIQ IBRAHIM, 1988: 140), fato que o numismata e arabista associa ao reduzido tamanho dos *dihram* do califado al-Muwahhidūn.

²⁰ Com base nos estudos que temos vindo a consultar (TAWFIQ, 1988 e GRAHAM, 2011: v14_13.04.13), para que a moeda se transformasse em talismã, teria que conter um texto ou símbolos claramente islâmicos. No presente caso estamos perante uma iconografia Cristã Oriental, associada a textos em Grego, pelo que a nível teórico teremos que descartar esta hipótese.

O que torna complexo e único no achado Alcacerense, é que estamos perante uma prática Islâmica Andalusi executada sobre um numisma Cristão Bizantino. A ser usado como amuleto e tendo em conta que a mensagem religiosa neste numisma é clara na sua inserção no universo religioso Cristão Oriental²¹, como terá sido usado em Alcácer?

Por outro lado, estamos perante pessoa ou pessoas que se afirmavam como muçulmanas ou moçárabes?²²

Quanto aos eventuais contactos entre *Qaṣr Abī Dānis* e o Mediterrâneo Oriental / *baḥr al-Rum*, é escasso o que podemos avançar, admitindo que um contacto naval direto entre esta *madīna* do oceano Atlântico e o Império Bizantino estaria [eventualmente] fora de questão²³.

Mas que tipo de estrutura urbana com funções portuárias seria Alcácer no período em que presumivelmente terá chegado este numisma Bizantino? São esses os aspectos que iremos abordar de seguida.

3. A MADINA ALCACERENSE NO CONTEXTO CALIFAL OMÍADA DO AL-ANDALUS

A quase totalidade dos investigadores²⁴ defende que o impacto do primeiro ataque Viking à costa do *Ġarb al-Andalus*, em 229H / 844, teve implicações profundas na organização territorial do Ocidente Andalusi, no tempo do emir Abd al-Rahmān II (821-852). Localizada precisamente junto à costa mas recuada de maneira estratégica em relação a esta última, *al-Qaṣr* ter-se-á reforçado numa primeira fase como *ḥiṣn-ribāt* do *sāhil* de *Bāḡa* / Beja.

²¹ Apesar de ter um texto em Grego, partimos do princípio que seria ilegível para os alcacereneses desse tempo, dado que o ensino de Grego em *al-Qaṣr* não faria parte do *curriculum* do *kuttāb* aí existente.

²² São legítimas as interrogações que podemos equacionar. Mais difícil é chegar a um consenso de interpretação, no estado atual dos nossos conhecimentos sobre *al-Qaṣr* em contexto Califal.

²³ Os contactos comerciais e culturais com o Império Bizantino, em contexto Califal Andalusi, estariam mais direcionados para uma relação entre “Estados”. São vários os investigadores, com base nas fontes documentais, que defendem a existência de trocas comerciais entre o *al-Andalus* e o Império Bizantino, mas o que é notório no âmbito da Arqueologia, é a ausência de numismas Bizantinos no *al-Andalus* [excluindo Alcácer], o que contrasta com o que se passa no Oriente Islâmico, onde têm aparecido vários em contextos Abássidas. Sobre esta última questão, ver entre outros REINERT, 1998, CONSTABLE, 2003: 147-150, ANDERSON, 2009 ou, mais recentemente, SHEPARD, 2012: 520. O panorama existente no *al-Andalus* poderá deste modo ser um reflexo da raridade de circulação destes numismas nesta parcela do *Dār al-Islām*. Em contraste com a ausência de estudos sobre a numismática Bizantina identificada no *al-Andalus*, verificamos a existência de copiosa bibliografia sobre os aspectos ligados às trocas culturais e diplomáticas. Sobre este último aspecto, continua atual o estudo de LIROLA DELGADO (1993) sobre o poder naval do Califado Umayyad Andalusi. Ver igualmente a bibliografia colocada no final deste estudo.

²⁴ Nomeadamente, entre outros, CARVALHO *et al.*, 2004: 47-49, CARVALHO *et al.*, 2008: 43-45 e TAHIRI, 2010: 38-39.

Foi só com a chegada dos Banū Dānis b. ‘Awsaḡa a Alcácer, após 262_H / 876₂₅, que esta ascendeu à categoria de *madīna* (IBN ḤAYYĀN, Muqtabis III, 1973: 369), assumindo-se pouco depois como sede de um *Amirāte* Adānis²⁶. Segundo TAHIRI (2010: 39), baseando-se em al-Bakri, a elevação de um qualquer sítio habitado ao estatuto de *madīna* era reservada unicamente aos povoados que tinham uma *masjīd* (mesquita)²⁷ e um *ḥammām* (banhos). Se Ibn Ḥayyān refere que a elevação de *al-Qaṣr* a *madīna* se deveu a esta família, é porque estes terão construído (ou ampliado) os referidos equipamentos nessa altura²⁸.

Essa confirmação tinha aparecido décadas antes no relato que Ibn Ḥawqal nos deixou no século IV_H / X, quando efetua uma descrição genérica das *madīna(s)* do *al-Andalus*, onde inclui Alcácer. Segundo ele: “*Toutes les villes que j’ai mentionnées comme situées sur le littoral sont des métropoles, peuplées, bondées de ressources, dont tirent vanité les habitants des différentes localités, groupés autour des chaires du pays*” (IBN ḤAWQAL: 108).

Pelo que conclui da seguinte forma: “*Toutes les villes que je viens de mentionner sont réputées pour leurs céréales, leurs articles de commerce, leurs vignobles, leurs édifices, leurs marchés, leurs tavernes, leurs bains, leurs caravansérails. Dans leurs belles mosquées on accomplit toutes les prières. Dans l’Espagne toute entière on ne trouve pas une seule mosquée délabrée. Les cités rivalisent entre elles par leur emplacement, leurs impôts et leurs revenus, leurs préfets et leurs juges, les fonctionnaires chargés des services d’espionnage, qu’on appelle mukhallif. Il n’y a pas une ville qui ne soit bien peuplée, qui ne soit entourée d’un vaste district rural, ou plutôt de toute une province, avec de nombreux villages et des laboureurs, jouissant de prospérité, possédant du grand et du petit bétail, un bon outillage et des bêtes de charge et des champs. Leurs terres sont ou bien arrosées par la pluie et donnent une belle levée au printemps, ou bien par des canalisations admirablement entretenues et d’un réseau parfait*” (IBN ḤAWQAL: 115).

²⁵ Como vimos, depois da sua expulsão de Coimbra.

²⁶ Hipótese que avançamos pela primeira vez neste estudo e que desenvolveremos em trabalho posterior, em preparação. De notar que usamos o conceito de *Amirāte* e nunca de Emirato, porque não queremos que este conceito seja confundido com o Emirato Omíada de Córdoba, assim como não estamos perante autonomias tipologicamente semelhantes às que emergiram décadas antes no Norte de África, inseridas nos movimentos de natureza Ibādī, caso entre outros, do Imāmate Rustamid de Tāhert. Sobre esta última questão, ver LOVE: 2012.

²⁷ Devemos entender estas mesquitas como *masjīd al-yāmi* ou simplesmente *yāmi*, sinónimo de mesquita principal, que serviam toda a população para as orações de sexta-feira (CALVO CAPILLA, 2004: 41). De referir, meramente a título de exemplo, que a alcaria do Alto da Queimada, localizada na crista da serra do Louro, junto a Palmela, possui uma mesquita, mas esse local estava longe de ser considerado uma *madīna*, entrando antes na tipologia das alcarías, se bem que se trate de uma situação bastante peculiar.

²⁸ Interpretação diferente tem FELIPE (1997: 322), que defende a atribuição do nome *Abi Dānis* a Alcácer, por ter sido este o local do primeiro assentamento familiar, hipótese de que discordamos, com base na interpretação das mesmas fontes.

No que concerne a Alcácer [do Sal], a documentação arqueológica exumada na intervenção que teve lugar na Igreja do Espírito Santo (ENCARNAÇÃO e FERREIRA, 2012: 419), veio demonstrar até que ponto Ibn Ḥawqal tinha razão no que nos deixou escrito sobre as características gerais das *madīna(s)* no *al-Andalus*. De fato, o referido registo documental veio testemunhar na área portuária alcacerense (junto ao edifício camarário) uma continuidade na presença humana, desde o Alto Império até à atualidade, passando naturalmente pela Antiguidade Tardia e estando presentes todas as fases islâmicas, com especial realce para a etapa Califal e I Taifas.

4. EM JEITO DE CONCLUSÃO

O presente estudo debruça-se sobre uma moeda Bizantina do século IV_H / X encontrada no interior do castelo de Alcácer do Sal. Apesar de se tratar de um documento arqueológico descontextualizado, o fato de apresentar dois orifícios efetuados *a posteriori*, permitiu equacionar a sua reutilização como adereço de âmbito feminino ainda em contexto islâmico, dado que esta prática, como sugere Ibrāhīm TAWFIQ IBRAHIM (1988), parece ser específica do *al-Andalus*, tendo tido início no século IV_H / X, para terminar no século VI_H / XII. Face ao exposto, poderemos admitir que a chegada deste numisma a *al-Qaṣr* terá ocorrido em meados do século IV_H / X.

Tratando-se de uma série cunhada em Constantinopla entre 319_H / 931 e 332_H / 944, a sua presença nesta *madīna* do *Ġarb al-Andalus* terá que situar-se nesse horizonte cronológico, numa altura em que o território ainda se encontrava debaixo do poder dos Banū Dānis. Estes, por seu lado, encontravam-se nessa década debaixo da suserania do califa Abd al-Raḥmān III.

Naturalmente, é impossível determinar se a moeda chegou a Alcácer algures entre os anos referidos anteriormente. Apesar de corresponder a um horizonte cronológico de 19 anos, este insere-se no período de governação de Abd al-Raḥmān III. Mas a raridade deste numisma no conjunto numismático de origem

Oriental identificado no restante território do *al-Andalus*²⁹, permite equacionar que a sua chegada a Alcácer terá sido ocasional e não resultante de uma ligação comercial regular entre Alcácer e o Oriente Bizantino. É especulativo defender que o mecanismo que permitiu a chegada deste numisma a Alcácer esteja dependente de viagens de peregrinação a Meca / *Hajj* e de estudo ao Oriente³⁰, apesar de nos parecer mais con-

²⁹ Onde, por exemplo, predominam os *dirhans* do rival califado Fāṭimid.

³⁰ Esta premissa parece-nos consistente em contexto Califal. Na etapa seguinte, no decurso das denominadas I Taifas, o avanço territorial dos Reinos Cristãos e a debilidade militar patente no *al-Andalus* para lhe fazer frente, começou a criar um consenso entre os juristas Malikitas, que preconizavam a valorização da *Ġihād* em detrimento do *Hajj* / Peregrinação a Meca. Sobre este assunto, ver por todos KHALILIEH, 1999.

vincente do que considerar um hipotético contacto comercial direto com Bizâncio.

Outro mecanismo explicativo seria a presença em Alcácer de comerciantes muçulmanos que teriam contactos com o Emirato de Creta que, segundo as fontes consultadas, tinha bastante ligação com o *al-Andalus*³¹. Isto apesar desses emires reconhecerem a soberania do califa Abássida de Bagdad, denotando um aparente distanciamento político em relação ao *al-Andalus*.

Por fim, a pista Aghlabid e Fātimid, na atual Tunísia e na ilha da Sicília. Alguns anos atrás demos a conhecer nesta revista um fragmento de cerâmica encontrado em Alcácer, a que atribuímos uma origem Ziriada (CARVALHO, 2006), não sendo achado único dessa área geográfica identificada no castelo de *al-Qaşr*.

Se associarmos estas cerâmicas a este numisma, que, segundo alguns estudos recentes, circularam até tarde no Sul da Itália e depois na ilha da Sicília, após a conquista Normanda, teríamos nesta região outra boa hipótese sobre a proveniência do numisma que chegou a Alcácer. Olhemos com atenção o que nos diz Travaini no seu estudo sobre a circulação monetária no Sul de Itália, no século XI: “*Byzantine copper*

coins, in contrast to gold ones, have come to light in substantial numbers, with clear regional differences. Folles of Romanus I (920–944) are most numerous in Campania, anonymous folles of Class C (ca. 1034–41) in Calabria, and folles of the period 1057–71 in Apulia. These regional differences seem to correspond to different phases in the political and military history of Byzantine Italy. Romanus I’s folles found in Campania must have remained in circulation for a long time, although they were eventually replaced by the local follari issued by Gisulf II” (TRAVAINI, 2001: 182).

Apesar dos dados inconclusivos, temos consciência de que a moeda Bizantina identificada em Alcácer é mais um elemento que alerta para a importância que este porto terá tido, não só no *al-Andalus*, mas no restante *Ġarb al-Islām*, incluindo deste modo o Magreb. Recordemos, a terminar, que foi desta *madīna-marsā*, transformada em base naval por Ibn Abī Āmir al-Manşūr, que partiu em 387H / 997 a frota califal rumo à Galiza, que culminou no saque e destruição do santuário de Santiago de Compostela. Concluimos que Alcácer [do Sal], apesar de estar localizada na extremidade mais ocidental do Mundo Islâmico, não estava alienada do restante *Dār al-Islām*, como algumas correntes de investigação fazem crer. 🐉

³¹ Sobre este assunto, ver LIROLA DELGADO, 1993: 226-227.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

FONTES MUÇULMANAS

(por ordem cronológica)

- IBN ḤAWQAL (século IVH / X) – *Kitāb surat al-ard*. *Configuration de la Terre*. Introduction et traduction avec index par J. H. Kramers, G. Wiet (2 vol.), Paris, 1964; Kramers, G. Wiet et A. Miquel, Paris, 2001; *Encyclopédie de l’Islam* 2, t III, pp. 810-811.
- IBN ḤAZM (século VH / XI) – *Ġamharat ansab al-arab*. Le Caire: éd. Lévi-Provençal, 1948.
- IBN ḤAYYĀN (século VH / XII) – *Kitāb al-muqtabis fi tarīḥ riġāl al-andalus*. Beyrouth: Ed. Ḥaġġi, A., 1965; trad. Garcia Gomez, E., Madrid, 1967; Muqtabis V, Madrid: éd. Chalmeta, Corriente et Subh, 1979.
- ABŪ L-FIDĀ’ (séculos VIIH / XIII – VIIIH / XIV) – *Taqwīm al-buldān. Géographie d’Aboulfidā*. Paris: Ed. M. Reinaud et M.G. de Slane, 1840; trad. M. Reinaud, Paris: St. Guyard, 1848; H.A.R. Gibb, «Abū l-Fidā’, *Encyclopédie de l’Islam* 2, t I, p 118.

OBRAS E ARTIGOS DE REFERÊNCIA

- AFSARUDDIN, Asma (2006) – “War and Violence”. In LEAMAN, Oliver (ed.). *The Qur’an: an encyclopedia*. London / New York: Routledge, Taylor & Francis Group, pp. 686-692.
- AGIUS, Dionisius A. (2008) – “Classic Ships of Islam: from Mesopotamia to the Indian Ocean”. In ALTENMÜLER, H.; HROUDA, B.; LEVINE, B. A.; O’FAHEY, R. S.; VEENHOF, K. R. e VERSTEEGH, C. H. M. (eds.). *Handbook of Oriental Studies. Section 1, The Near and Middle East*. Leiden / Boston: Brill. Vol. 92.
- AL-SALEH, Yasmine (2000) – “Amulets and Talismans from the Islamic World”. In *Heilbrunn Timeline of Art History*. New York: The Metropolitan Museum of Art (disponível em http://www.metmuseum.org/toah/ld/tali/ld_tali.htm; consultado em 16-05-2013).
- ANDERSON, Glaire D. (2009) – “Islamic Spaces and Diplomacy in Constantinople (Tenth to Thirteenth Centuries C. E.)”. *Medieval Encounters*. Brill. 15: 86-113.
- BALLAN, Mohammad (2010) – “*Fraxinetum*: an islamic frontier state in tenth-century Provence”. *Comitatus*. 41: 23-76.
- BONNER, Michael (2006) – *Jihad in Islamic History: doctrines and practice*. Princeton University Press.
- CALVO CAPILLA, Susana (2004) – “Las Mezquitas de Pequeñas Ciudades y Núcleos Rurales de al-Andalus”. *Llu. Revista de Ciencias de las Religiones*. Anejos X, pp. 39-63.
- CANARD, M. (1986) – “Iqritish”. In *The Encyclopedia of Islam*. New ed. Vol. III: H–Iram. Leiden / New York: Brill, pp. 1082-1086.
- CARVALHO, António Rafael (2006) – “Cerâmicas do Período Ziriada Exumadas no Castelo de Alcácer do Sal: elementos para o seu estudo”. *Al-Madan*. Almada. II Série, 14: 152-153.
- CARVALHO, António Rafael (2007a) – “Al-Qaşr: A Alcácer do Sal Islâmica”. In *Roteiro - Cripta Arqueológica do Castelo de Alcácer do Sal*. Edição IGESPAR, pp. 43-56.
- CARVALHO, António Rafael (2007b) – “Alcácer: Alcácer do Sal Medieval e Cristã”. In *Roteiro - Cripta Arqueológica do Castelo de Alcácer do Sal*. Edição IGESPAR, pp. 57-68.
- CARVALHO, António Rafael (2007c) – “O Baixo Sado, da Antiguidade Tardia até à Fase Emiral: algumas reflexões sobre continuidades e rupturas”.

- In *Subsídios para o Estudo da História Local*. Ed. Câmara Municipal de Setúbal e Rede Portuguesa de Museus. Vol. 3 - Anos 2004 e 2005, pp. 303-318.
- CARVALHO, António Rafael; FARIA, João Carlos e FERREIRA, Marisol Aires (2004) – *Alcácer do Sal Islâmica: Arqueologia e História de uma Medina do Garb al-Andalus (séculos VIII-XIII)*. Ed. Camara Municipal de Alcácer do Sal e IPM.
- CARVALHO, António Rafael; FARIA, João Carlos e FERREIRA, Marisol Aires (2008) – *(Al Qasr) Alcácer do Sal Islâmica: Arqueologia e História de uma Medina do Garb al-Andalus (séculos VIII-XIII)*. Ed. Camara Municipal de Alcácer do Sal.
- CHRISTIDES, Vassilios (1981) – “The Raids of the Moslems of Crete in the Aegean Sea: Piracy and Conquest”. *Byzantion*. 51: 76-111.
- CHRISTIDES, Vassilios (1984) – *The Conquest of Crete by the Arabs (ca. 824): A Turning Point in the Struggle between Byzantium and Islam*. Academy of Athens.
- CONSTABLE, Olivia Remie (1994) – *Trade & Traders in Muslim Spain: The Commercial Realignment of the Iberian Peninsula 900-1500*. Cambridge University Press.
- CONSTABLE, Olivia Remie (2003) – *Housing the Stranger in the Mediterranean World: Lodging, Trade, and Travel in Late Antiquity and the Middle Ages*. Cambridge: Cambridge University Press.
- CUTLER, Anthony (2001) – “Gifts and Gift Exchange as Aspects of the Byzantine, Arab, and Related Economies”. *Dumbarton Oaks Papers*. 55: 247-278.
- ENCARNAÇÃO, José d’ e FERREIRA, Marisol Aires (2012) – “419. Fragmento Epigrafiado de Alcácer do Sal (Salacia - Conventus Pacensis)”. *Ficheiro Epigráfico*. Universidade de Coimbra. 93 (Suplemento de Conimbriga).
- FELIPE, Helena de (1997) – *Identidad y Onomástica de los Bereberes de al-Andalus*. Madrid: CSIC.
- GRAHAM, Lloyd D. (2011) – *Qur’anic Spelling: Disconnected Letter Series in Islamic Talismans*. Disponível em http://www.academia.edu/516626/Qur_anic_Spelling_Disconnected_Letter_Series_in_Islamic_Talismans; consultado em 16-05-2013.
- GRIERSON, Philip (1993) – “Phocas to Theodosius III, 602-717”. In BELLINGER, Alfred Raymond e GRIERSON, Philip (eds.). *Catalogue of the Byzantine Coins in the Dumbarton Oaks Collection and in the Whittemore Collection*. Washington: Harvard University. Vol. 3, Part. 1.
- INSOLL, Timothy (1999) – *The Archaeology of Islam*. Oxford.
- KENNEDY, Hugh (1999) – “Sicily and al-Andalus under Muslim rule”. In REUTER, Timothy (ed.). *The New Cambridge Medieval History*. Vol. 3 – c. 900-c. 1024, pp. 646-669.
- KHALILIEH, Hassan (1999) – “The legal opinion of Maliki Jurists regarding Andalusian muslim pilgrims travelling by sea during the eleventh and twelfth centuries ce”. *Mediterranean Historical Review*. 14 (1): 59-69.
- KHAWLI, Abdallah (1999) – “Los Bereberes del Occidente de al-Andalus”. In *Actas XII Jornadas de la Sierra de Huelva* (versão policopiada).
- LEWIS, Bernard (2001) – *A Linguagem Política do Islão*. Lisboa: Colibri.
- LIROLA DELGADO, Jorge (1993) – *El Poder Naval de al-Andalus en la Época del Califado Omeya*. Universidad de Granada.
- LOUD, G. A. (1999) – “Southern Italy in the Tenth Century”. In REUTER, Timothy (ed.). *The New Cambridge Medieval History*. Vol. 3 – c. 900-c. 1024, pp. 624-645.
- LOVE, Paul M. (2012) – “Djerba and the Limits of Rustamid Power. Considering the Ibādi Community of Djerba under the Rustamid Imāms of Tahert (779-909 CE)”. *Al-Qanṭara*. 33 (2): 297-323.
- MAKRYPOULIAS, Christos G (2000) – “Byzantine Expeditions against the Emirate of Crete c. 825-949”. *Græco-Arabica*. 7-8: 347-362.
- MĂNUCU-ADAMEȘTEANU, Gheorghe (2010) – “Monede Bizantine descoperite în Dobrogea 1”. In *Monede Bizantine descoperite în Nordul Dobrogei, secolele X-XIV*. București: Mistral Info media.
- MARÍN, Manuela (2004) – “La práctica de Ribāt en al-Andalus (ss. III-V / IX-XI)”. *El Ribāt Califal: Excavaciones e investigaciones (1984-1992)*. Casa de Velázquez, pp. 192-201.
- MILES, George C. (1964) – “Byzantium and the Arabs: Relations in Crete and the Aegean Area”. *Dumbarton Oaks Papers*. 18 : 1-32.
- NEF, Annliese (2011) – “La Fitna Sicilienne: une fitna inachevée?”. *Médiévales*. 60: 103-116.
- PADILLA, Lorenzo (2006) – “El Ribāt: institución espiritual y militar”. *Arqueología Medieval* (disponível em <http://www.arqueologia-medieval.com/articulos/articulos.asp?id=75>; consultado a 30-03-2012).
- PAIXÃO, A. Cavaleiro; FARIA, João Carlos e CARVALHO, António Rafael (1994) – “O Castelo de Alcácer do Sal: um projecto de Arqueologia Urbana”. In *Actas do II Encontro de Arqueologia Urbana*. Braga, pp. 215-264.
- PAIXÃO, A. Cavaleiro; FARIA, João Carlos e CARVALHO, António Rafael (2001) – “Contributo para o Estudo da Ocupação Muçulmana no Castelo de Alcácer do Sal: o Convento de Aracoelli”. *Arqueologia Medieval*. 7: 197-209 (*Actas do Colóquio “Lisboa: Encruzilhada de Cristãos, Judeus e Muçulmanos”, 1997*).
- PICARD, Christophe (1997) – *L’Océan Atlantique Musulman: de la conquête arabe à l’époque Almohade*. Paris.
- PICARD, Christophe (2000) – *Portugal Musulman (VIII-XIII siècles): L’Occident d’al-Andalus sous domination islamique*. Paris.
- PRIGENT, Vivien (2008) – “La Politique Sicilienne de Romain I^{er} Lécapène”. In BARTHÉLEMY, D. e CHEYNET, J.-3 Cl. (eds.). *Guerre et Société en Méditerranée (VIIIe-XIIIe siècle)*. Paris: Centre d’Histoire et de Civilisation de Byzance, pp. 63-84 (*Monographies*, 31).
- PRIGENT, Vivien (2011a) – “La Monetazione in Sicilia nell’Età Bizantina”. In TRAVAINI, L. (ed.). *Le Zecche Italiane Fino all’Unità*. Rome, pp. 427-434 (avec C. Morrisson).
- PRIGENT, Vivien (2011b) – “Le Monnayage Byzantin en Italie au Haut Moyen Âge: bilan d’un siècle d’études, dans La collezione di Vittorio Emanuele III di Savoia e gli studi di storia monetaria”. *Bollettino di Numismatica* (avec C. Morrisson).
- PRYOR, John H. e JEFFERYS, Elizabeth M. (2006) – “The Age of the ΔΡΟΩΜΝ: The Byzantine Navy, ca 500-1204”. In *The medieval Mediterranean Peoples. Economies and Cultures, 400-1500*. Brill. Vol. 62.
- REINERT, Stephen (1998) – “The Muslim presence in Constantinople, ninth to tenth centuries: Some preliminary observations”. In AHRWEILER, Hélène e LAIOU, Angeliki E. (eds.). *Studies on the internal diaspora of the Byzantine Empire*. Washington, DC, pp. 125-150.
- SHEPARD, Jonathan (1999a) – “Byzantium and the West”. In REUTER, Timothy (ed.). *The New Cambridge Medieval History*. Vol. 3 – c. 900-c. 1024, pp. 605-623.
- SHEPARD, Jonathan (1999b) – “Byzantium Expanding, 944-1025”. In REUTER, Timothy (ed.). *The New Cambridge Medieval History*. Vol. 3 – c. 900-c. 1024, pp. 586-604.
- SHEPARD, Jonathan (1999c) – “Byzantium in Equilibrium, 886-944”. In REUTER, Timothy (ed.). *The New Cambridge Medieval History*. Vol. 3 – c. 900-c. 1024, pp. 553-566.
- SHEPARD, Jonathan (2008) – “Equilibrium to expansion (886-1025)”. In SHEPARD, Jonathan (ed.). *The Cambridge History of the Byzantine Empire, c. 500-1492*, pp. 493-536.
- SHEPARD, Jonathan (2012) – “Holy Land, Lost Lands, Realpolitik. Imperial Byzantine thinking about Syria and Palestine in the later 10th and 11th centuries”. *al-Qanṭara*. 33 (2): 505-545.
- TAHIRI, Ahmed (2007) – *Rif al-Magrib y al-Andalus*. Ed. El legado Andalusi.
- TAHIRI, Ahmed (2010) – “Tavira nos Tempos de al-Andalus: a dinâmica cidade-campo”. In *Cidade e Mundos Ruais. Tavira e as Sociedades Agrárias*. Tavira: Museu Municipal de Tavira, pp. 35-47.
- TAWFIQ IBRAHIM (1988) – “Notas Sobre un Amuleto Andalusi y la Problemática de las Monedas Perforadas”. *Boletín de Arqueología Medieval*. 2: 137-140.
- TRAVAINI, Lucia (2001) – “The Normans between Byzantium and the Islamic World”. *Dumbarton Oaks Papers*. 55: 179-196.

al. madan online

[\[http://www.almadan.publ.pt\]](http://www.almadan.publ.pt)

[\[http://issuu.com/almadan\]](http://issuu.com/almadan)

uma edição



CAA

Centro de Arqueologia de Almada

[\[http://www.caa.org.pt\]](http://www.caa.org.pt)

[\[http://www.facebook.com\]](http://www.facebook.com)

[\[secretariado@caa.org.pt\]](mailto:secretariado@caa.org.pt)

[212 766 975 | 967 354 861]

[travessa luis teotónio pereira, cova da piedade, almada]